

Mais da metade dos fumantes tentou parar de fumar, mas apenas 13% tiveram acesso a tratamento, aponta pesquisa nacional

Dados fazem parte do Mais Dados Mais Saúde — Percepções da população brasileira sobre fatores de risco para o câncer, inquérito realizado por Umane e Vital Strategies, com apoio do Instituto Devive

São Paulo, 25 de agosto de 2026 – Mais da metade (54,1%) dos brasileiros que fumam ou já fumaram tentou parar nos 12 meses anteriores à pesquisa, realizada entre 24 de setembro e 31 de outubro de 2025, mas apenas 13,4% relataram ter tido acesso a algum tratamento para cessação no mesmo período. Os dados inéditos fazem parte da nova nota técnica do **Mais Dados Mais Saúde — Percepções da população brasileira sobre fatores de risco para o câncer**, realizado por **Umane e Vital Strategies**, com apoio do Instituto Devive, dedicada ao tabagismo e à cessação do tabagismo.

O levantamento, realizado com 6.566 pessoas com 18 anos ou mais em todos os estados e no Distrito Federal, mostra ainda que **11,3% da população adulta brasileira fuma atualmente, enquanto 18,3% são ex-fumantes**. A maioria, 70,3%, declarou nunca ter fumado. Aproximadamente nove em cada dez brasileiros reconhecem que fumar é um fator de risco para o câncer, resultado que se mantém semelhante entre fumantes atuais (89,6%), ex-fumantes (89,8%) e pessoas que nunca fumaram (90,8%).

Para **Luciana Vasconcelos Sardinha, diretora adjunta de Doenças Crônicas Não Transmissíveis da Vital Strategies**, os resultados devem ser interpretados à luz da trajetória brasileira de enfrentamento ao tabagismo. *“O Brasil construiu, ao longo de décadas, políticas de controle do tabaco reconhecidas internacionalmente e conta com estratégias de apoio à cessação no Sistema Único de Saúde. Os dados mostram que há uma parcela importante de fumantes tentando abandonar o cigarro. Isso reforça a oportunidade de ampliar o conhecimento sobre os recursos que já existem e fortalecer seu acesso, para que mais pessoas que desejam parar de fumar encontrem o apoio necessário”, reforça.*

Entre fumantes e ex-fumantes, 69,4% disseram que, nos 12 meses anteriores à pesquisa, algum médico ou outro profissional de saúde perguntou se fumavam e 55,1% afirmaram ter recebido aconselhamento para parar. Por outro lado, **somente 13,4% tiveram acesso a algum tratamento para cessação**. Apenas 11,4% buscaram orientação por meio do número disponibilizado nas embalagens de cigarros. *“Os dados sugerem que há espaço para que profissionais de saúde abordem com mais intencionalidade o tema, apoiando as pessoas que fumam na busca por tratamentos de cessação. E ótimas políticas, como o Disque Saúde, do SUS, em que as pessoas podem*

ligar no 136 para receber orientações para parar de fumar, podem ser ainda mais disseminados”, comenta Luciana.

Outro dado da pesquisa que chama atenção é com relação ao fumo passivo, que 80% da população diz reconhecer como um fator de risco para câncer. Esse conhecimento mostrou-se menor entre os mais jovens: 67,4% da população entre 18 e 24 associa o fumo passivo ao câncer, enquanto esse reconhecimento chega a 84,3% na faixa etária dos 25 a 59 anos e 85,1% entre aqueles com idade igual ou superior a 60 anos.

Cigarros eletrônicos trazem novo desafio para o controle do tabaco

A nota técnica do Mais Dados Mais Saúde também apresenta novos dados sobre os **dispositivos eletrônicos para fumar (DEF), como os cigarros eletrônicos**. Cerca de **14,5% da população brasileira declarou utilizar ou já ter utilizado esses produtos**, apesar de sua comercialização e uso serem proibidos no país.

Ao mesmo tempo, **86% dos entrevistados reconhecem que os dispositivos eletrônicos representam risco para o desenvolvimento de câncer**.

No Brasil, a Anvisa proíbe a fabricação, importação, comercialização, distribuição, armazenamento, transporte e propaganda de dispositivos eletrônicos para fumar. Segundo a agência, não há evidências científicas que comprovem as alegações de que esses produtos possam ser utilizados para redução de danos.

“O alto reconhecimento dos riscos associados ao cigarro convencional é uma conquista importante das políticas de controle do tabaco no Brasil. Os cigarros eletrônicos, no entanto, criam novos desafios por seu potencial de atrair novos fumantes, sobretudo jovens, que podem não ter consciência de que esses produtos também causam dependência e são prejudiciais à saúde. É fundamental proteger os avanços conquistados pelo país e evitar que novos produtos ampliem a exposição da população à nicotina e ao tabagismo”, afirma Evelyn Santos, Gerente de Investimento e Impacto Social na Associação Umane.

Chama atenção que, **quase um quinto (18,4%) da população acredita, equivocadamente, que possam funcionar como uma estratégia de redução de danos**. Essa crença é maior entre os mais jovens: 25% entre aqueles com idades entre 18 e 24 anos, 17,9% na faixa etária de 25 a 59 e 9% entre aqueles com 60 anos ou mais. Essa menor percepção de risco entre os jovens é um sinal de alerta, visto que são justamente eles os mais atraídos pelos dispositivos eletrônicos para fumar.

Curiosidade e novidade motivam experimentação de cigarros eletrônicos

Dados anteriores produzidos pela Vital Strategies ajudam a compreender o perfil de uso desses produtos no país. O Covitel 2023, desenvolvido pela Vital Strategies e pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a partir da articulação e financiamento da Umane, investigou as motivações de brasileiros para experimentar ou utilizar cigarros eletrônicos.

O levantamento mostrou que 20,5% das pessoas que usavam ou já haviam experimentado cigarros eletrônicos disseram tê-lo feito por curiosidade e 11,6% porque o produto estava “na moda”. Em contraste, apenas 3% afirmaram ter optado pelo dispositivo eletrônico para parar de fumar o cigarro convencional.

Os dados também apontaram forte concentração da experimentação nas idades mais jovens. Entre as pessoas que já haviam usado ou utilizavam cigarros eletrônicos, 37,7% experimentaram o produto pela primeira vez entre 18 e 24 anos e 19,2%, aos 17 anos ou menos. Somados, os resultados indicam que quase seis em cada dez tiveram o primeiro contato com esses dispositivos antes dos 25 anos.

“Quando observamos esses dados em conjunto, vemos que a experimentação dos cigarros eletrônicos no Brasil está muito mais associada à curiosidade e à atração pela novidade do que à busca por uma forma de abandonar o cigarro convencional. E chama atenção que esse primeiro contato aconteça principalmente entre adolescentes e jovens adultos. Isso reforça a importância de manter a proibição desses produtos e fortalecer sua fiscalização, inclusive nos ambientes digitais”, afirma Luciana.

Preço e tributação também são estratégicos para reduzir o tabagismo

Além das ações de prevenção e cessação, **políticas tributárias que elevem o preço dos cigarros convencionais são instrumentos importantes para reduzir o consumo**. Nesse contexto, **a implementação da Reforma Tributária e do Imposto Seletivo sobre produtos de tabaco** representa uma oportunidade para fortalecer a política brasileira de controle do tabagismo e reduzir a acessibilidade econômica desses produtos.

No caso dos cigarros eletrônicos, é importante lembrar que sua comercialização é proibida pela Anvisa no Brasil. A manutenção dessa proibição, acompanhada do fortalecimento da fiscalização, é fundamental para reduzir o acesso a esses produtos, especialmente diante dos dados que mostram sua experimentação entre adolescentes e jovens adultos.

“O Brasil tem uma trajetória de sucesso no controle do tabaco, mas esses avanços precisam ser continuamente protegidos e fortalecidos. Para os cigarros convencionais, isso inclui uma política tributária que mantenha esses produtos menos acessíveis e desestime o consumo. Ao mesmo tempo, precisamos preservar a proibição dos cigarros eletrônicos e ampliar a fiscalização para que uma restrição que existe na

legislação também se traduza em menor disponibilidade desses produtos na prática, especialmente para os mais jovens”, conclui Sardinha.

Sobre o Mais Dados Mais Saúde

O Mais Dados Mais Saúde — Percepções da população brasileira sobre fatores de risco para o câncer entrevistou 6.566 brasileiros com 18 anos ou mais entre 24 de setembro e 31 de outubro de 2025. Com cobertura nacional e metodologia 100% digital, a pesquisa teve seus dados ponderados por sexo, idade, raça/cor e escolaridade, com base no Censo 2022, do IBGE, e na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019. O inquérito é realizado por **Umane e Vital Strategies, com apoio do Instituto Devive**. A nota técnica sobre tabagismo reúne dados sobre prevalência do tabagismo, conhecimento da população sobre sua relação com o câncer, uso de dispositivos eletrônicos para fumar e experiências relacionadas à cessação.

Sobre a Umane

A [Umane](#) é uma organização da sociedade civil, independente, isenta e sem fins lucrativos que apoia iniciativas no âmbito da saúde pública com o objetivo de contribuir para um Sistema Único de Saúde (SUS) mais resolutivo e de melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem no Brasil. Em 2025, a Umane apoiou 35 projetos, realizados de forma colaborativa com 97 parceiros, entre diversos setores da saúde, da sociedade civil e do poder público.

A atuação da Umane se dá por meio de três programas: o de Atenção Integral às Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), com iniciativas de controle dos fatores de risco, rastreamento, ampliação do acesso à saúde e ao monitoramento dos fatores de risco na Atenção Primária à Saúde; o Fortalecimento da Atenção Primária à Saúde (APS) como ordenadora do cuidado no SUS, por meio do apoio a iniciativas que visem melhorias operacionais, de produtividade de equipes, de integração de serviços e da incorporação de novas tecnologias ao sistema de saúde e o programa Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente, financiando programas que acompanhem e monitorem desfechos desfavoráveis durante a gestação e as condições de saúde de crianças e adolescentes no contexto das Doenças Crônicas Não Transmissíveis e dos fatores de risco. Acompanhe a Umane nas redes sociais: [LinkedIn](#) e [Instagram](#).

Sobre a Vital Strategies

A Vital Strategies é uma organização global de saúde que acredita que todas as pessoas devem ser protegidas por políticas e sistemas de saúde eficazes e equitativos. Nossa equipe trabalha com governos e a sociedade civil para conceber e implementar estratégias e políticas baseadas em evidências para enfrentar alguns dos maiores desafios mundiais de saúde pública. O resultado são milhões de pessoas vivendo vidas mais longas e saudáveis no mundo todo.

Sobre o Instituto Devive

O Devive atua como filantropia grantmaker, apoiando iniciativas que previnem doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), fortalecem a rede de atenção primária e ampliam o acesso a diagnóstico e tratamento para quem mais precisa. Trabalhamos em parceria com gestores públicos, organizações da sociedade civil, pesquisadores e empreendedores sociais para transformar evidências em políticas e práticas de saúde que reduzam desigualdades no país.

Outras informações:

Análítica Comunicação – Assessoria de Comunicação da Vital Strategies

Raíza Dias – raiza.dias@analitica.inf.br – (11) 95272-3944

Gabriela Scheinberg – gabi.scheinberg@analitica.inf.br – (11) 91096-4944

Daniela Garraffoni – daniela.garraffoni@analitica.inf.br – (11) 98611-8589

Mauricio Esposito – mauricio.esposito@analitica.inf.br – (11) 99915-7583

Erica Benute – erica.benute@analitica.inf.br – (11) 99185-7078